



Fernando Brizio [1968]

Licenciado em Design de Equipamento na Escola Superior de Belas Artes em Lisboa. Presentemente ensina no Departamento de Design da Escola Superior de Arte e Design nas Caldas da Rainha.

Desde 1997, trabalha nas áreas de produto e cenografia para organizações, como Grupo Atlantis, Authentics, Detalhes, M Glass, Doog Design / DMD, Proto Design, Experimenta... Participou em exposições em Lisboa, Madrid, Barcelona, Paris, Londres, Milão, Turim, Frankfurt, Helsínquia, Berlim, Tóquio, São Francisco...

Apresentada em 2000 em Milão, a toalha de mesa *Tableshirt* é produzida e comercializada pela empresa alemã Detalhes. 165 x 165 cm e 150 x 190 cm, algodão de fácil tratamento.



Azulejos com Caixas, 1996
15 x 15 cm, Ø 8,5 x 2 cm,
faiança, vidro.
Premiado em 1997
no concurso jovem designer.
Foi integrado em 2001
no projecto Dry Kitchen
dos holandeses Droog Design.



Water container , 2001
 Ø 8 x 30 cm, vidro
 "É uma parte da tua imagem a verter
 uma garrafa para um copo".

Renata Amaral

"A cast of the space under my chair" *

arq./a – Pode dizer-se que o humor é uma espécie de valor transversal ao teu trabalho?

Fernando Brízio – Sim, uma certa ironia, que no início não era intencional.

Há dois anos, quando a Renny Ramakers da, *Droog Design*, viu o meu trabalho, em Milão, e me pediu o *portfolio*, selecionei objectos e projectos que tivessem qualquer coisa em comum. A ironia, o humor e outras coisas condicionaram essa escolha. A ironia e o humor como uma das ideias centrais no meu trabalho só se tornou óbvia quando, há coisa de um ano, foi publicada, no caderno Mil Folhas do jornal Público, uma página sobre o meu trabalho, onde essas ideias apareceram em destaque. Na altura isso deu-me que pensar.

arq./a – Mas quando fazes uma mesa que é, literalmente, uma sucessão de folhas de papel o que é que está em jogo?

FB – Todos estes projectos se desenvolvem ao longo do tempo, durante um intervalo muito longo, e de modo muito informal: tenho uma ideia e vou construindo a melhor forma de a usar. A ideia das mesas de papel é óbvia. Tem a ver com as manchas de cor, que surgem nos topos de alguns livros e revistas quando a impressão de imagens vai até ao limite das folhas. Surge ao reparar demoradamente em revistas empilhadas, que me sugeriram a possibilidade de um objecto. Mas, o encontrar desse objecto não é imediato. No fundo, identifico uma oportunidade e depois vejo o que posso fazer com ela.

arq./a – Exploras essa oportunidade de uma forma sistemática ou ela acaba por coexistir com outras ideias e consolida-se naturalmente?

FB – É uma procura objectiva informal, que coexiste com muitas coisas.

arq./a – Parece-me que te organizas em duas plataformas de trabalho diferentes: a que corresponde ao nível sistemático e organizado das encomendas e outra que funcionará num outro nível de preocupação, omnipresente, mas não explorada objectivamente.

FB – Tento sempre que as ideias e as oportunidades que encontro

para conceber objectos sejam formas para uma funcionalidade.

Tento sempre que não caiam no domínio da arte (a arte não tem funcionalidade, supostamente). Tento sempre que sejam objectos que funcionem, que tenham utilidade e que façam uma reflexão em torno dos objectos de uso quotidiano.

Porque é que escolho fazer a mesa e não outro objecto? A mesa tem uma geometria muito parecida com uma grande resma de folhas ou com um bloco de folhas de papel, o que facilita bastante o fabrico das mesas - blocos numa gráfica.

Aquelas mesas chamam-se "Mesa de Telefone" e "Mesa de Desenho". São mesas para apontamentos que desaparecem à medida que vão sendo usadas. Devido ao preço e ao peso, não são objectos muito acessíveis... mas, a partir desta ideia, vou fazer um objecto, igualmente constituído por folhas sobrepostas que é, ao contrário, muito mais leve e barato, o que faz com que, eventualmente, seja editado. Nesse objecto vou usar tamanhos normalizados (A4 e A3) e a única coisa que se gasta é o tempo, que é substituível. O resto do objecto corresponde a uma estrutura metálica mínima, oculta por folhas de 40x40 m/m empilhadas ao longo das pernas da mesa.

Tenho a noção que esta mesa resultou para a exposição *designoperand*, integrada na *Experimenta 01*, mas, para ser um produto editável, falta uma maior ligeireza.

A partir desta ideia de sobreposição de papel, estou a começar a fazer outros objectos - objectos de secretária que funcionam como caixas para pequenos objectos. Mas, enquanto na mesa tens uma imagem que corresponde a uma aparição, ou ilusão, originada a partir de um bloco de papel, nestes objectos não há impressão, apenas operações de corte e colagem.

arq./a – São esculturas?

FB – Criam formas, que podem ser utilizadas pelas pessoas e vendidas a um preço razoável.

arq./a – Existe, portanto, uma contaminação entre esses objectos mais conceptuais e os outros que consideras produtos, de facto.

FB – Sim. Tento que sejam, todos eles, objectos com funcionalidades inequívocas.



Pintura de Humidade,
Invisible Landscape, 2000
5 x 23 x 32 cm,
madeira, algodão.



Prato comido, 2000
Ø 23 x 4 cm, faiança

As mesas - blocos de papel - são de difícil edição. Mas se alguém quiser comprar 50 ou 1000 mesas, eu faço-as. Claro que em termos de distribuição e de preço existem limitações.

Todos os objectos funcionam porque são pensados para serem industrializados, comercializados e utilizados, mas têm também outros conteúdos, não técnicos, pequenas surpresas, revelações, histórias. São conteúdos que têm a ver com os contextos práticos e culturais dos objectos, com as pessoas, com a forma de nos relacionarmos com os objectos, e com as possibilidades de construção...

arq./a – Qual é afinal o elemento transversal ao teu trabalho? O que é que procuras? No início falámos de ironia...

FB – Sim, e não só, o corpo também está presente. As pessoas usam o corpo nas relações e contactos que têm com os objectos que usam, e com os quais tento trabalhar.

O meu processo de projecto, por vezes, não é apenas mental e técnico mas também físico. Há um interface invisível entre nós e os objectos que me interessa mostrar.

Há um projecto do qual não te falei. São uns copos, que desenhei para o projecto Standards da M Glass, que na borda têm um relevo que sobressai. É quase como se pegasses no copo e puxasses a borda com os lábios. No fundo materializo a ideia do contacto da pessoa com o objecto.

No "prato comido", que é um prato com uma dentada, se por um lado ironizo com a possibilidade do prato ser comestível, irresistível, ou de alguém se sentir desesperadamente com fome... por outro, materializo o que se faz quando se utiliza aquele objecto numa refeição.

Procuro fazer algo de que goste, algo que me surpreenda.

arq./a – Como se fizesses as coisas para ti.

FB – Sim, e por sorte as pessoas têm gostado.

Por exemplo, o caso da toalha de mesa com colarinho e botões: ela pode vestir-se transformando-se numa enorme camisa sem mangas.

Outro exemplo é o par de T-shirts. Também tem esse lado de relação com o corpo, neste caso dois corpos. A possibilidade de ligação, é dada pelo botão de uma das T-shirts e pela casa de botão na outra, funciona quase como um cordão umbilical; trabalha a ideia de gémeos siameses, ou de namorados.

Depois, os bancos com a dedeira: mudas-lhes a imagem e o género, e se calhar condicionas o utilizador. O mesmo banco tem um buraco, mas também pode ficar com uma "saliência"... (risos)

Normalmente os títulos que dou às peças correspondem à

descrição das mesmas. O banco é uma das peças em que isso não acontece.

arq./a – Sintetizando, a ironia e essa relação com o corpo são as premissas base do teu trabalho?

FB – Não são as únicas, mas são muito importantes, trabalho muito com isso. Mesmo que não aparentem, os objectos foram pensados assim. Não me preocupa que os objectos pareçam outra coisa completamente diferente.

Por exemplo, a Prateleira com Bolha de Nível também deriva dessa relação. No fundo, tem a ver com equilíbrio e com a obsessão das pessoas pelas coisas direitas. Esta prateleira é um instrumento de medição da horizontalidade, o que ajuda a sua fixação à parede. Depois, tem a ver com outra coisa com a qual também trabalho - a invisibilidade: como se houvesse uma linha direita no mundo que faz com que aquela bolha de nível funcione sempre. E nós também funcionamos assim: temos no ouvido um dispositivo, uma "bolha", que nos permite andar direitos.

Os objectos resultam da relação que estabelecemos com eles, mas também têm a ver com o modo como funcionam no mundo.

Há um outro projecto, que também se prende a esta ideia de invisibilidade: trata-se de um quadro de parede, que não é um barómetro mas que acaba por funcionar como tal. Esse quadro muda de cor porque há uma variação no ar que não vês, registando a variação da quantidade de humidade no ar, que por sua vez é condicionada pelas variações atmosféricas. Por outro lado, essa variação de humidade também pode ser condicionada pelas pessoas que estão numa sala, provocando a alteração da cor. O quadro chama-se "paisagem invisível" numa referência à pintura de paisagem.

Tenho uma outra ideia, que está ainda numa fase muito embrionária porque é complicada. Consiste em fazer objectos de madeira cujas ligações funcionam com a humidade. Sabes que a madeira, com a variação da humidade no ar, dilata. Se processar as peças de madeira num ambiente de humidade zero e as acondicionar numa embalagem estanque, em casa, quando forem encaixadas umas nas outras e expostas à humidade ambiente, as peças vão inchar e "colar" o objecto.

arq./a – Deve ser complicado tornar essas alterações mensuráveis de modo a resultar.

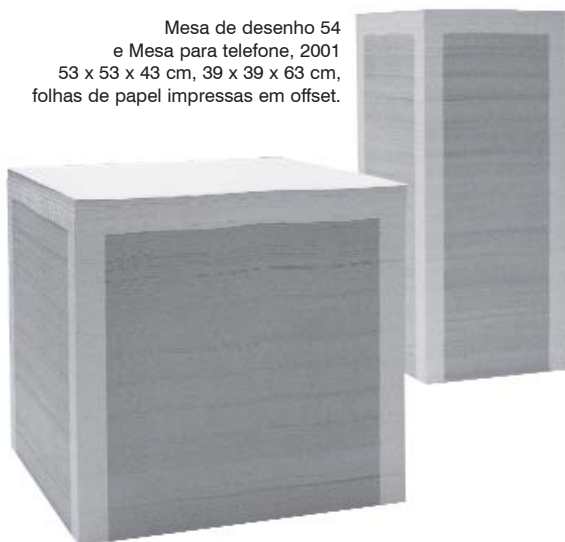
FB – É complicado. Estamos a falar de madeira... Mas é uma ideia que vou perseguir e que me entusiasma, que me dá uma determinada ilusão.

Os movimentos que fazemos durante o dia são construídos pelas nossas vontades, mas não só. Também são construídos por quem projecta, pelos designers, no sentido em que nós o somos. Ou seja, assim como um coreógrafo desenha os movimentos das pessoas para determinado espectáculo, também nós construímos os movimentos, as posições das pessoas e condicionamos os seus comportamentos. Nesse sentido, somos coreógrafos do dia a dia, da vida das pessoas, e, mais do que isso, conformamos o corpo das pessoas. Moldamos, construímos e deformamos os corpos das pessoas, pelas posições que originamos ao longo das suas vidas. Se te sentares sempre numa má cadeira ficas com uma má postura. Os meus objectos têm normalmente vários níveis de leitura e de funcionalidade. Quero continuar a fazer coisas que possam ser utilizadas pelas pessoas, interessa-me andar numa linha de fronteira com outras áreas de construção e revelação do mundo, sem passar para o lado de lá, continuando a conceber objectos e sistemas que sirvam as pessoas, que tenham uma funcionalidade inequívoca, e mais qualquer coisa, mais qualquer coisinha...

arq./a – O design foi desde cedo uma vocação, ou...

FB – Quando escolhi o curso andei bastante indeciso. O que me fez escolher foram objectos "muito técnicos", coisas extraordinários com processos de investigação, projecto e construção muito mais complexos e duros. Às tantas, devido a variadas circunstâncias, aquilo que faço hoje é muito informal: faço uma exposição, trabalho com determinada pessoa ou organização, ensino, vou experimentando coisas e gastando algum dinheiro... Não tem nada a ver com o outro tipo de projecto...

Mesa de desenho 54
e Mesa para telefone, 2001
53 x 53 x 43 cm, 39 x 39 x 63 cm,
folhas de papel impressas em offset.



arq./a – Mas gostavas de te envolver num processo de projecto mais sistemático?

FB – Não me importaria. Mas isto é um ciclo vicioso, no bom sentido, pois começa a haver uma coerência no conjunto, começo a ter uma caligrafia própria.

No entanto, uma das coisas que mais gostei de fazer, até agora, foi o trabalho com o coreógrafo Rui Horta para o espectáculo *Pixel*. No fundo, tratou-se de um trabalho colectivo. O conceito era do Rui Horta que sabia muito bem o que queria. Limitei-me a fazer o projecto técnico e a definir uma imagem para a "caixa corredor" onde se realiza o espectáculo. Existiam algumas questões aparentemente complicadas que tive de resolver. Pela primeira vez fiz um trabalho em que concretizei a ideia de alguém de um modo muito directo.

arq./a – Não te terá sido indiferente o contacto tão próximo com essa outra disciplina da dança?

FB – Gostei imenso de conhecer o processo, de ver como funciona um coreógrafo como o Rui Horta mas, gostei, sobretudo, de ter feito aquilo especificamente para ele e que ele tivesse ficado contente.

*nome de uma peça de Bruce Nauman:
A cast of the space under my chair, 1966 - 1968
44.5 x 39.1 x 37.1 cm, cimento.
Colecção Geertjan Visser



Shelf with spirit level, 1999
67 x 17 x 19 cm, acrílico, bolha de nível